

Sistematização das Oficinas de Escrita Científica



12º CONGRESSO BRASILEIRO DE
AGROECOLOGIA

Sistematização das Oficinas de Escrita Científica



12º CONGRESSO BRASILEIRO DE
AGROECOLOGIA

Ficha Técnica

Organização

Thais Santos de Souza
Helena Rodrigues Lopes
Natália Almeida

Texto

Renata Milanês
Thais Santos de Souza

Revisão técnica

Irene Cardoso
Angélica Almeida
Helena Rodrigues Lopes

Projeto gráfico e ilustrações

Beatriz Cancian

Ficha catalográfica

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

L864s Souza, Thais Santos de (Org.).
Sistematização das Oficinas de escrita científica. 12o Congresso Brasileiro de Agroecologia / organizado por Thais Santos de Souza, Helena Rodrigues Lopes e Natália Almeida. — Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Agroecologia, Articulação Nacional de Agroecologia, AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, Fiocruz, 2025.
46 p. : il. color. ; PDF ; 13.2 MB

ISBN: 978-65-87063-61-4
Site: <https://aba-agroecologia.org.br/>

1. Agricultura Sustentável. 2. Dieta Saudável. 3. Política Pública. 4. Equidade de Gênero. 5. Racismo. 6. Segurança Alimentar e Nutricional. I. Lopes, Helena Rodrigues (Org.). II. Almeida, Natália (Org.). III. Título.

CDD - 23.ed. – 363.7

Agradecimentos

As oficinas de escrita vieram como aposta estratégica do 12º CBA, sendo assim, o apoio político e estrutural da Comissão Local, da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia foram essenciais para a execução do Projeto. Com alcance nacional, em cada estado houve um esforço coletivo para articular e mobilizar as oficinas. O projeto não teria êxito sem a contribuição e empenho dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), das articulações estaduais de agroecologia, da diretoria da ABA-Agroecologia e das instituições e movimentos parceiros. Agradecemos às pessoas que conduziram as oficinas regionais, em especial: Ana Coimbra, Luísa Ferrer, Brenda Spinosa e Ingrid Pena, que desenvolveram um belíssimo trabalho. Agradecemos ainda a Pamela Carvalho, pesquisadora que nos inspirou e contribuiu diretamente com a oficina de escrita antirracista, e os professoras/es da Universidade Federal de Viçosa (UFV) Willer Barbosa e Irene Cardoso, que conduziram a oficina de escrita criativa e científica. Por fim, agradecemos também a Fundação Heinrich Böll pelo aporte financeiro e pela parceria contínua.

Sumário

Apresentação.....	06
1. O fazer da ciência da agroecologia: uma construção contínua da ABA nos CBAs.....	07
2. CBA em movimento: oficinas como processos mobilizadores.....	16
3. Ciência em ação no desenvolvimento das Oficinas.....	30
3.1. Trabalho coletivo: antenas e raízes.....	32
3.2. Inspirações das oficinas.....	34
3.3. Como a proposta foi elaborada?.....	37
4. As Oficinas de Escrita Científica e os Tapiris de Saberes.....	40
5. Aprendizados e perspectivas.....	43



Apresentação

Compreendemos a ciência como um processo coletivo, que se faz pelo encontro de conhecimentos, cada um deles tecido a seu modo, em distintos contextos e a partir de referências diversas. Este fazer insere-se em um cenário repleto de controvérsias, seja pela multiplicação da desinformação ou pela predominância de uma ciência supostamente neutra, apolítica e desvinculada da sociedade.

Foi com esse espírito que, durante o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado de 20 a 23 de novembro de 2023 na cidade do Rio de Janeiro, pesquisadoras/es, professoras/es, estudantes, agricultoras/es do campo e da cidade, povos e comunidades tradicionais uniram-se para construir e defender a ciência da agroecologia. Uma ciência que, reconhecidamente política, está profundamente comprometida com a promoção e com a garantia de direitos, como a alimentação saudável, a justiça climática, a saúde, a equidade de gênero e racial e a educação.

Um dos momentos importantes dos Congressos Brasileiros de Agroecologia são os Tapiris de Saberes. Neles os conhecimentos são trocados a partir do envio prévio de trabalhos nas modalidades: resumo expandido (técnico-científico); relato técnico; e relato popular, em texto e em vídeo. Como um dos processos preparatórios do 12º CBA, nos desafiámos a organizar Oficinas de Escrita Científica em todo o país, com o objetivo de contribuir para a elaboração dos resumos. Foram realizadas 40 oficinas em todas as regiões brasileiras, envolvendo universidades, institutos federais, instituições de ensino, pesquisa e extensão e organizações da sociedade civil. As oficinas se tornaram momentos de exercício coletivo da ciência, com compartilhamentos de ideias, pesquisas, resultados e práticas que as pessoas presentes desejavam escrever e compartilhar durante o Congresso. Em um ambiente de afeto e reciprocidade, estudantes mais experientes puderam trocar conhecimentos com quem recentemente ingressou na universidade e com agricultoras/es que cotidianamente dão vida à agroecologia.





Nesta publicação, compartilhamos o caminho percorrido e os aprendizados adquiridos com as Oficinas de Escrita Científica, reafirmando nossa defesa inegociável de uma ciência popular, plural e engajada com as transformações sociais. Boa leitura a todas e todos!



1. O Fazer da ciência da agroecologia: uma construção contínua da ABA nos CBAs

A primeira edição do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) ocorreu em 2003, em Porto Alegre (RS). Em 2004, durante a segunda edição do congresso, realizada na mesma cidade, surgiu a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia). Desde sua origem, a associação atua conjuntamente à Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), fundada em 2002. Esta parceria permite uma combinação de conhecimentos que ganham materialidade no desenho de políticas públicas, na ação territorial e no fomento das ações em rede em escala nacional.



A ABA-Agroecologia coordena a construção dos CBAs e procura transformá-los cada vez mais em eventos ativos e inclusivos, com a participação de instituições acadêmicas, organizações da sociedade civil, movimentos sociais e diversos grupos que utilizam os princípios da agroecologia nas práticas das agriculturas desenvolvidas nas cidades, nos campos, nas águas e nas florestas. Ao longo de mais de duas décadas e de 12 edições (sendo a última em 2023), o CBA percorreu todas as regiões do Brasil e consolidou-se como um espaço vital para o diálogo e a promoção da agroecologia em todo o país.

Concebido para fortalecer a agroecologia a partir da produção da ciência, o CBA tem promovido o encontro dos conhecimentos científicos e populares, bem como processos participativos e de diálogos abertos entre a sociedade civil, o meio acadêmico e as esferas governamentais.

A força vital da ABA-Agroecologia se faz presente nos CBAs, impulsionada por indivíduos que trabalham de forma incansável na construção da agroecologia. São pesquisadoras/es, técnicas/os e estudantes de diversas áreas do conhecimento em institutos federais, universidades, centros de pesquisa e organizações de assistência técnica e extensão rural, juntamente com estudantes dos campos da saúde, ciências sociais, ciências agrárias, ambientais e biológicas, que promovem constantemente a construção e o avanço da ciência agroecológica de forma engajada. A ciência engajada se constrói na reciprocidade de conhecimentos e trocas enriquecedoras estabelecidas com agricultores familiares, camponesas/es, agricultoras/es urbanas/os, consumidoras/es, povos indígenas e comunidades tradicionais.

Após o longo distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19 e com muitos desafios políticos, chegou o momento de reconstruir a jornada coletiva e plantar novas sementes comprometidas com as colheitas que se almejavam ver florescer. Neste período, a fome voltou a ser estarrecedora em nosso país, ao mesmo tempo em que as populações e grupos em situação de vulnerabilidade continuavam sendo as mais afetadas. Estes grupos são compostos por negras/os, lares conduzidos por mulheres, moradoras/es de favelas e áreas periféricas, agricultoras/es e povos e comunidades que convivem com insegurança hídrica e de acesso à terra e aos territórios. Condições





de vulnerabilidade que recobram atenção e proposições coletivas e evidenciam que ciência e política precisam e estão sempre conectadas.

Diante de novos começos, no CBA de 2023 sentiu-se a premência de fortalecer as alianças entre o campo e a cidade e de restaurar os diálogos e convergências em torno da ciência, democracia e defesa dos territórios. Mais uma vez, era o período de ocupar as ruas com a força que o fazer agroecológico havia acumulado nos anos anteriores, como uma ciência, prática ancestral e movimento popular organizado. Era a hora de navegar pelas águas da região Sudeste e revitalizar as conexões entre organizações sociais, movimentos, coletivos e instituições de ensino, pesquisa e extensão na região mais populosa e urbanizada do Brasil.

Em meio a este cenário, realizou-se o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) no Rio de Janeiro, de 20 a 23 de novembro. Esta edição foi impulsionada pela aspiração de unir forças em um amplo movimento descentralizado, tecendo alianças políticas em níveis regionais e nacionais. Neste CBA, com o lema “Agroecologia na boca do povo”, a ABA-Agroecologia celebrou os seus 20 anos.

O 12º CBA ganhou vida e trouxe para o foco a ciência defendida pela ABA-Agroecologia: engajada, popular e entrelaçada com as soluções para os desafios colocados, especialmente no que diz respeito à erradicação da fome, da pobreza e das desigualdades, do diálogo e da defesa da democracia e das políticas públicas.

O lema “Agroecologia na boca do povo” enfatizou não apenas a capacidade da agricultura camponesa, urbana, familiar, indígena e quilombola em produzir alimentos saudáveis e variados, mas também a necessidade de acesso a esses alimentos por todas as pessoas, especialmente as mais vulnerabilizadas. Ao colocar a agroecologia “na boca do povo” procurou-se também evidenciar que é a partir dos saberes tradicionais que a ciência agroecológica deve desenvolver-se e que é com a partilha dos conhecimentos, coletivamente, com formas diversas de aprender e ensinar, que se constrói novos conhecimentos. A ciência na boca do povo se faz e reverbera entre aquelas e aqueles que se dedicam a construir juntas/os horizontes sociais, políticos e ecológicos justos.



Cortejo de Abertura. Crédito: Ju Chalita/Greenpeace Brasil

Para esta ciência reverberar com mais força, o último CBA se construiu a partir de, pelo menos, quatro grandes princípios:

Tessitura de diálogos, parcerias e processos necessários para fortalecer a agroecologia enquanto uma ciência capaz de responder, de forma múltipla e qualificada, os desafios que estão colocados na construção de sistemas agroalimentares populares. Com este princípio procurou-se abrir um vasto diálogo com quem segue constituindo estratégias de ensino, pesquisa e extensão coerentes com os processos populares, identitários e comunitários, apesar do avanço violento e sem precedentes do agronegócio sobre os territórios.

A construção de alianças entre campo e cidade, roças e favelas, quilombos, territórios indígenas, urbanos, povos das águas e florestas e muitos outros povos e comunidades tradicionais, para a defesa dos territórios e o combate à fome e demais injustiças, a partir de estratégias populares de abastecimento alimentar e de cuidado que se perpetuem localmente. Com este princípio, buscou-se, inclusive, deixar legados estruturais para a cidade do Rio de Janeiro e para as redes populares do Sudeste.





Retomada de processos locais, regionais e nacionais de diálogos e convergências entre redes, organizações populares e movimentos sociais. Com este princípio, procurou-se dar centralidade aos movimentos negros, dos povos e comunidades tradicionais, às iniciativas de defesa da Saúde Coletiva em suas múltiplas dimensões, às redes e organizações feministas, dentre muitos outros grupos envolvidos na construção de estratégias que fortalecem os arranjos comunitários e populares em diálogo com a ciência transformadora, crítica e popular.

Ações de comunicação direta com a sociedade: “Agroecologia na Boca do Povo”. Para esta comunicação direta não somente a capacidade de produção de alimentos saudáveis e diversos pela agricultura camponesa, urbana, familiar, indígena e quilombola foi evidenciada, como também a necessidade de garantia de acesso a esses alimentos pelos diferentes setores da sociedade, especialmente os mais vulneráveis. “Na boca do povo” permitiu ressignificar a ciência e a agroecologia e a encontrar lugar seguro na construção de novos horizontes sociais, políticos e ecológicos.

Durante as duas décadas de existência, o CBA passou por transformações significativas em relação à capacidade de diálogo e de inclusão de pessoas interessadas em construir e participar do evento. Além disso, tem se proposto a apontar caminhos para enfrentar coletivamente os desafios sociais, políticos e ecológicos presentes em cada edição. O Congresso tornou-se, então, uma referência notável em termos de abordagem científica, apelo popular, representatividade e diversidade.

Ao longo das 12 edições do Congresso, um dos princípios basilares tem sido promover a participação das agricultoras e agricultores, indígenas, quilombolas e tantos outros povos e comunidades tradicionais, que por meio de suas práticas diárias impulsionam as abordagens científicas da agroecologia.



Este princípio instiga a entender a ciência como um processo, desafiando a perspectiva tradicional, baseada em institucionalidades e concepções positivistas que separam quem detém o conhecimento de quem é considerado “objeto” desse conhecimento. A visão sobre “fazer ciência” da agroecologia rejeita a separação entre conhecimento científico e popular, assim como a separação entre agroecologia e política.

O CBA tem se comprometido com um processo político de construção de uma ciência “em movimento”, engajada, popular, pluricultural e contra-hegemônica. Este compromisso desafia as estruturas tradicionais e dominantes da produção do conhecimento e incentiva pesquisadoras/es a transpor limites disciplinares e a reconsiderar tanto a essência da ciência quanto suas variadas modalidades de expressão. Nesse desafio, a própria ABA-Agroecologia e os grupos que se engajam na construção do CBA se propuseram a mergulhar no aprendizado compartilhado com as agricultoras e agricultores familiares, camponesas/es, agricultoras e agricultores urbanos/os, povos e comunidades tradicionais e consumidoras/es a explorar os diversos significados que a agroecologia pode abraçar.

A realização do Congresso pode ser entendida como um convite permanente de reflexão sobre a ciência que se quer na agroecologia. Ao longo das edições, isso tem envolvido uma abordagem crítica que busca descentralizar o saber e incorporar, em diálogo, novos paradigmas teórico-metodológicos na construção do conhecimento agroecológico, entrelaçados com os movimentos sociais e com os saberes dos povos do campo, dos mares, das florestas e das águas.

O diálogo entre ciência e conhecimentos populares apresenta uma possibilidade de debate amplo com a sociedade e coloca evidências à possibilidade de novas propostas epistêmicas, capazes de apontar soluções para as crises que assolam a existência coletiva, sejam elas sociais, climáticas e ecológicas. No CBA oportuniza-se a construção de novas articulações e redes com a popularização dos resultados de diferentes pesquisas, arranjos comunitários e práticas nos mais diferentes campos do conhecimento e do saber popular, que em seu conjunto demonstra a profundidade, a qualidade e a potência da agroecologia.





Plenária das mulheres no 12º CBA. Crédito: Tina Diores

No fazer da ciência da agroecologia, os territórios são espaços vitais, sendo reconhecidos não apenas como lócus de pesquisas e intervenções, mas como produtores da ciência; assim, a abordagem exercitada é enraizada na compreensão de que a prática científica é enriquecida quando permeia os diferentes contextos territoriais. Por isso, debater sobre a realidade vivida pelas pessoas em seus territórios é fundamental para a agroecologia em suas dimensões científica, do movimento dinâmico e da prática ativa.

Para tal, o CBA não se realiza apenas nos dias do evento, pois a força do Congresso reside no seu processo preparatório e nas múltiplas formas que ele é traduzido e assimilado nos territórios e nas instituições de ensino, pesquisa e extensão no pré e no pós evento.



Em cada edição, cada vez mais, é marcante a presença de movimentos camponeses, quilombolas, indígenas, povos tradicionais, coletivos que lutam por moradia e pelo direito à cidade, agricultoras/es urbanos, grupos engajados no combate ao racismo e à promoção da igualdade de gênero, organizações dedicadas à reforma sanitária e agrária, à segurança e soberania alimentar e nutricional, à economia solidária, à justiça ambiental e coletivos culturais. Essas diversas forças de movimentos, coletivos e organizações sociais e políticas, por sua vez, nutrem uma variedade de iniciativas em nível local e nacional que se alinham com as dimensões da agroecologia, seja na produção, distribuição, processamento, ou consumo de alimentos e na gestão dos resíduos, o que impulsiona a transformação de abordagens e conceitos que redefinem a própria compreensão sobre agroecologia.

Para qualificar a participação de todas as pessoas no CBA, a ABA-Agroecologia tem promovido processos de formação para que a escrita dos trabalhos acadêmicos e populares seja cada vez mais solidária e cada vez menos solitária. Com isto, espera-se produzir trabalhos capazes de expressar os anseios de uma ciência engajada, defensora das instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão, e seja alinhada politicamente aos anseios populares.

No processo de feitura coletiva as gerações se entrelaçam. Crianças, jovens e adultos de todas as idades se encontram, várias disciplinas se fazem presentes, acadêmicos se reúnem com o povo e o conhecimento científico dialoga com conhecimentos enraizados na vivência popular. Os saberes são compartilhados e todas e todos se motivam para defender transformações nos sistemas agroalimentares e para construir um modo de viver em harmonia.

O CBA tem proporcionado, assim, a oportunidade de compartilhar narrativas inovadoras sobre a compreensão do mundo e a concepção de soluções coletivas para enfrentar as crises que nos afetam. Ao transitar entre diferentes conceitos e distintas realidades, a agroecologia se manifesta genuinamente por meio da realidade concreta de quem planta sementes e cultiva plantas, bem como dos seres encantados e dos tambores nos quais ressoam os ritmos da colheita, e da dança que se expressa nos corpos.





Feira da Agrobiodiversidade no 12º CBA. Crédito: Audiovisual Marginal





2. CBA em movimento: oficinas como processos mobilizadores



Apresentação dos eixos temáticos do 12º CBA durante a Oficina Estadual de SP.
Crédito: Vic Starck.

A proposta do “CBA em movimento” foi parte do compromisso de realizar os congressos partindo de uma constelação de iniciativas de mobilização e experiências dos territórios. Desde o CBA realizado em Belém (PA), em 2015, a ABA-Agroecologia tem explorado diversas iniciativas e métodos de preparação e colaboração para a realização do evento, com o objetivo de aumentar, diversificar e qualificar a participação de pessoas, grupos e organizações. Esta preparação possibilita também a percepção da ciência não apenas para a produção do conhecimento e reflexão sobre os problemas, mas também como impulsionadora das transformações.





Nos últimos dois CBAs — Brasília (DF) 2017 e Aracaju/São Cristóvão (SE) 2019 — , a ABA-Agroecologia estimulou a realização de Caravanas Territoriais rumo aos Congressos com o objetivo de popularizar e ampliar o acesso de diferentes grupos a atividades e mobilizações preparatórias e de aumentar o engajamento e sensibilização para os temas da agroecologia.

Os processos preparatórios se intensificaram e os quatro dias do 12º CBA representaram a culminância de um conjunto de ações de preparação, intercâmbio de saberes e conhecimentos territorializados e articulados com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Com inspiração em ações da ABA-Agroecologia entre 2015 e 2019, a principal estratégia da preparação do 12º CBA foram Oficinas de Escrita Científica, realizadas em 2023 no território nacional.

As Oficinas de Escrita Científica desempenharam um papel crucial no processo de chamamento em todo o Brasil. Fortaleceram não somente a Comissão de Mobilização e Processos Preparatórios, mas também a Comissão de Ciência e Saberes.

Nas oficinas, diferentes estratégias, técnicas e experiências foram desenvolvidas com o objetivo de construir ambientes de diálogo, intercâmbio e aprendizagem entre grupos e públicos plurais. Os objetivos principais eram transformar o processo preparatório do CBA em um instrumento de divulgação e popularização da agroecologia e qualificar a elaboração de textos de forma solidária e com respeito às diferentes experiências, cosmologias, narrativas, mitologias, saber-fazer, pensar-sentir, estar-viver-reviver-reconstruir e reconhecer o mundo. Estes textos poderiam ser convertidos em resumos a serem enviados para o Congresso.



Materiais pedagógicos utilizados na oficina nacional. Crédito: Brenda Spinosa.

As Oficinas de Escrita Científica se constituíram como ambientes de construção coletiva do conhecimento agroecológico e emergiram como uma aposta na qualificação e fortalecimento por meio da escrita de textos a serem enviados ao 12º CBA. O sonho de construir conhecimento coletivamente levou a estruturação de um projeto para apoio à realização das oficinas. Denominado “CBA em movimento: Oficinas de Escrita Científicas Regionais”.

O projeto financiado pela Fundação Heinrich Böll, possibilitou a formação de uma equipe para além das comissões organizadoras do CBA e a aproximação dos Grupos de Trabalho (GTs) da ABA-Agroecologia, mas composto por uma rede de voluntárias/os em todo o país. Nas oficinas, os eixos (temas) foram debatidos e as comissões organizadoras foram fortalecidas. Estes ambientes se consolidaram como locais poderosos de encontro entre as/os agentes da construção da agroecologia e possibilitaram o diálogo e a compreensão de uma ciência colaborativa, construída por diversas mãos e mentes.





As oficinas foram organizadas em rede. Cada atividade foi cuidadosamente organizada de forma contextualizada, considerando as metodologias e ferramentas de sistematização já utilizadas por cada coletivo, mas seguindo as orientações básicas de submissões de trabalhos do Congresso.

A opção por utilizar Oficinas de Escrita Científica como fundamento para os processos de preparação dos trabalhos a serem submetidos derivou da necessidade de aprimorar e expandir a produção do conhecimento escrito, bem como do potencial de as oficinas ampliarem a comunicação e intercâmbio de aprendizados entre autoras/es.

Em especial, a reflexão sobre a importância de aprimorar habilidades de escrita científica veio também da percepção de que muitos jovens iniciam seu percurso acadêmico compartilhando experiências em congressos e da compreensão de que a participação ativa das juventudes no CBA deve ser promovida e fortalecida. Entretanto, as oficinas atuam como parte do processo de formação não somente dos jovens, mas de todos os sujeitos que constroem a agroecologia nos territórios, ao contribuir para a construção de habilidades relacionadas à dimensão científica da agroecologia.

O pressuposto é de que, ao promover processos formativos voltados para a escrita científica, possibilita-se o exercício e a reflexão sobre a própria ciência da agroecologia. Com isto, as oficinas não apenas celebram o conhecimento atual, mas também colaboram com a construção de um futuro mais robusto e inovador neste campo. Em especial, a elaboração e a apresentação mais qualificadas de trabalhos no congresso pelas pessoas mais jovens oferecem a elas o desenvolvimento inicial ou o aperfeiçoamento de habilidades científicas, além de catalisar a presença delas no cenário acadêmico e político.

Como parte do esforço de expandir a construção coletiva da ciência da agroecologia e aumentar a participação popular no 12º CBA, foram organizadas atividades de redação científica em diversas partes do Brasil.

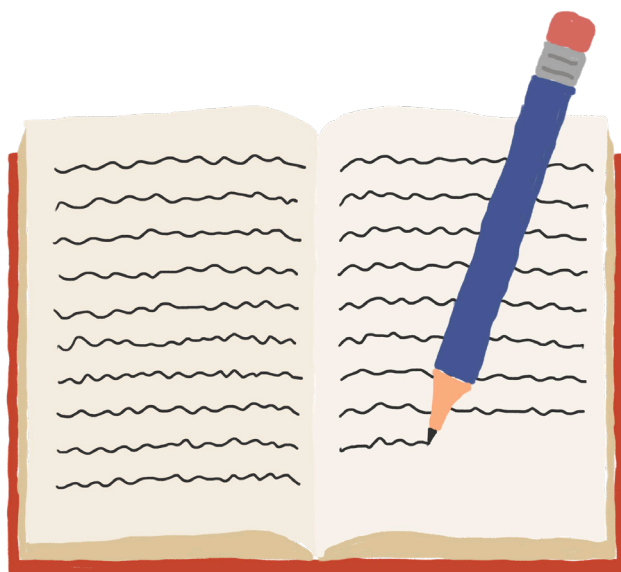


Além de convocar para o evento, essas atividades buscavam divulgar, criar ou adaptar instrumentos pedagógicos para enriquecer a prática coletiva da produção científica, de forma horizontal e integrativa, unindo ciência e conhecimentos populares na agroecologia.

Ao mobilizar processos descentralizados em todo o Brasil, as oficinas fortaleceram diálogos, escuta ativa e convergência entre diferentes formas de conhecimento. Incluíram a produção coletiva de balanços regionais sobre o avanço científico da agroecologia, que subsidiaram debates na ABA-Agroecologia. Relatórios com dados qualitativos do impacto dos processos preparatórios nos territórios foram compartilhados para enriquecer as discussões.

Para ampliar os espaços coletivos de preparação, elaboração e revisão dos trabalhos submetidos, as oficinas buscaram promover a partilha de experiências de pesquisa, registro, análise de dados e construção da escrita científica e representaram ambientes de aprendizagem focados na elaboração de textos e relatos utilizando diferentes abordagens e linguagens.

Os trabalhos puderam ser submetidos no formato resumo expandido (técnico científico), relato de experiência técnica e relato de experiência popular (boxe 1). As experiências populares puderam ser submetidas também no formato de vídeos, mas estes não foram objetos das oficinas. Os trabalhos foram submetidos de acordo com os 16 eixos temáticos descritos a seguir.





Modalidades de trabalhos submetidos ao 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, 2023.

Os tipos de trabalho do CBA

O 12º CBA aceitou três modalidades de submissão de trabalhos em formato de texto: Resumo Expandido (Técnico-científico); Relato de Experiência Técnica; e Relato de Experiências Popular.

- 1. Resumo Expandido (Técnico-científico):** trabalhos que apresentavam resultados de pesquisas, estudos ou ensaios teóricos inovadores e que continham uma análise mais aprofundada e conceitual para contribuir com a formação do pensamento agroecológico, alinhado com o eixo temático escolhido.
- 2. Relato de Experiência Técnica:** trabalhos com descrições de projetos e ou ações desenvolvidas por instituições de ensino, pesquisa ou extensão, em colaboração com a sociedade civil. Esses relatos não se limitavam a aspectos descritivos ou cronológicos da experiência, mas buscavam trazer análises e aprendizados. Embora as experiências tivessem uma natureza local, sua importância, ensinamentos, bases e princípios deveriam ser apresentados em uma perspectiva mais ampla.
- 3. Relato de Experiência Popular:** as experiências poderiam ser apresentadas no formato de resumo (texto) ou vídeo. Estas experiências deveriam ser relatadas e apresentadas por agricultoras/es, comunidades e povos tradicionais ou organizações sociais populares. Este relato deveria oferecer uma vivência contextualizada, de acordo com os princípios da agroecologia.



Eixos Temáticos

Agriculturas Urbanas

Este eixo discutiu a diversidade de práticas agrícolas e alimentares em contextos urbanos. Desde grandes metrópoles e cidades menores, diferentes atores participaram das reflexões críticas, questionando abordagens que buscam solucionar desafios sociais e ambientais urbanos sem uma análise aprofundada do modelo capitalista de desenvolvimento. Os trabalhos enfatizaram a importância de priorizar as ciências e modos de vida de povos africanos, indígenas e camponeses, assim como as formas de organização lideradas por mulheres e jovens. O objetivo foi repensar os espaços urbanos como locais de reprodução da vida, luta pelas diferenças, exercício de autnomias e promoção de saúde. Ao superar dicotomias e fragmentações na produção de conhecimento e ações políticas, o eixo refletiu sobre as contradições e possibilidades da agricultura urbana, promovendo alianças entre diferentes espaços urbanos e comunidades.

Ancestralidade, Terra e Território

As reflexões deste eixo ampliaram a compreensão dos processos de construção de conhecimentos agroecológicos, tradicionais e decoloniais relacionados à terra, ao território, à ancestralidade e às justiça ambientais. O objetivo foi reunir estudos, pesquisas e relatos de experiências que articulam esses temas por meio de práticas agroecológicas e ancestrais de povos e comunidades tradicionais e territórios de favelas. Estimulou abordagens e análises sobre a historicidade das lutas das populações pelo acesso e garantia à água, à terra, à floresta e à memória biocultural. As experiências trazidas buscaram explicitar as disputas por territorialidades e mareitorialidades (dos mares), os conflitos socioambientais e os impactos sobre os povos, além dos processos de lutas





contra-hegemônicas, a proteção e diversidade dos territórios e dos mares e seus bens comuns, a cultura alimentar e as diferentes cosmopercepções que fundamentam os modos de vida das populações.

Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Este eixo recebeu estudos sobre a construção de narrativas agroecológicas, análises do jornalismo investigativo independente, críticas à representação da agroecologia na mídia hegemônica, contribuições da comunicação para uma ciência crítica e engajada, ferramentas comunicacionais nos territórios, práticas comunicativas participativas e processos de transformação social. O objetivo central das discussões foi enfatizar a comunicação em rede, a cultura popular em contextos educativos, os conhecimentos de diversas origens, as práticas artísticas, bem como entender como comunicação, cultura e arte contribuem para mobilizar as pessoas em prol da agroecologia.

Biodiversidade e Conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Neste eixo foi destacado o papel crucial da agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais na geração, manejo e conservação da diversidade biocultural. O cenário contemporâneo apresenta ameaças à biodiversidade e aos conhecimentos associados, incluindo a crise climática. As guardiãs e os guardiões da biodiversidade, ao longo das gerações, têm enfrentado inúmeros desafios. Os debates abrangeram diferentes assuntos, como: identificação e valorização da biodiversidade; desafios da integração entre conservação *in situ*, *on farm* e *ex situ*; erosão genética, biodiversidade e direitos dos agricultores; acesso e repartição de benefícios; ameaças ao livre uso da biodiversidade; relações entre biodiversidade, mercados e alimentação; serviços ecossistêmicos; enfrentamento da crise climática; políticas públicas; e sistemas locais de conservação.



CAMPESINATO e Soberania Alimentar

Este eixo visibilizou experiências relacionadas às lutas pelo direito à terra, à produção de alimentos saudáveis e à comercialização sustentável. Experiências sobre bancos de alimentos, cozinhas comunitárias e agricultura urbana foram apresentadas. O eixo abordou a relação entre direito à terra; território e alimentação; e a conservação de bens comuns, como sementes; bem como o papel crucial das mulheres, das juventudes camponesas e do campesinato em suas diversas expressões (agricultoras/es familiares, quilombolas e comunidades tradicionais) na garantia da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO Agroecológico

Neste eixo foram apresentadas propostas que buscavam compreender como a academia, coletivos e movimentos sociais coproduzem conhecimento em vivências, na sistematização de conhecimentos, nos relatos de experiências, nas ações de ensino, pesquisa e extensão articuladas, nas lutas sociais e na interação entre seres humanos e não-humanos em seus territórios. O interesse maior do eixo foi compartilhar metodologias transformadoras, participativas e horizontais para contribuir com reflexões sobre a formação do conhecimento agroecológico. Foram incentivados trabalhos que refletissem sobre a coprodução de conhecimento, a circulação de saberes, a diversidade de referências, as práticas interdisciplinares e interculturais, bem como sobre o diálogo e a ecologia de saberes.





Contra os Agrotóxicos e Transgênicos

Este eixo acolheu trabalhos e relatos de experiência com uma perspectiva crítica em relação ao uso de agrotóxicos, transgênicos e outras biotecnologias. Investigações e sistematizações foram apresentadas sobre os impactos econômicos, sociais e ecológicos das biotecnologias no ambiente e na saúde tanto em áreas agrícolas quanto não agrícolas. O eixo também incentivou trabalhos sobre preocupações socioambientais relacionadas às contaminação do solo, água, ar e biodiversidade com abordagens referentes, entre outras questões: à redução de insetos benéficos; à resistência de insetos e às alterações nos bioindicadores; aos processos de luta e organização de populações afetadas; percepções associadas aos problemas gerados pelo uso de agrotóxicos e transgênicos; estratégias de legitimação dessas soluções tecnológicas; e construção de estratégias de comunicação e educação no combate contra agrotóxicos, transgênicos e outras soluções tecnológicas prejudiciais à saúde e ao ambiente.

Educação em Agroecologia

O objetivo principal deste eixo foi refletir sobre temas como: educação do campo; educação popular; educação ambiental; indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa; movimento estudantil na construção da agroecologia; epistemologias da agroecologia; experiência dos núcleos de agroecologia; diálogo de saberes; experiências curriculares de educação em agroecologia; educação étnico-racial, quilombola e indígena; políticas públicas de educação em agroecologia; educação básica em agroecologia (educação infantil, ensino fundamental e médio); escolas familiares rurais e/ou família agrícola; educação por alternância e agroecologia; e formação de professores e agroecologia.



Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Este eixo debateu e refletiu sobre a construção da agroecologia a partir da perspectiva de gênero e de feminismos comunitários, territoriais, camponeses, populares e decoloniais, de perfil anticapitalista, antirracista e anti-LGBTfóbico. Incentivou trabalhos que evidenciaram práticas agroecológicas baseadas em relações justas, igualitárias e equilibradas, e visibilizaram as opressões e iniquidades que mulheres do campo, das águas e das florestas sofrem em relação aos homens, seja em seus cotidianos seja na construção de práticas agroecológicas no Brasil e no mundo.

Infâncias e Agroecologia

Trazendo as “raízes crianceiras” para o debate, este eixo compartilhou estudos, pesquisas e experiências construídas em parceria com as crianças, valorizando suas sabedorias, protagonismos e brincadeiras. Sob a perspectiva de que “agroecologia começa nas infâncias”, o eixo propôs estar em sintonia com a liberdade-natureza-cultura-escuta, envolvendo as infâncias dos campos, cidades, águas e florestas. O intuito foi compartilhar sabedorias ancestrais em diálogo com as crianças, explorando temas como: ancestralidades, famílias, maternidades, brincadeiras, direitos, cuidados, gênero, raça, classe, etnia, violências, alimentação, linguagens, expressões artísticas e tecnologias digitais de informação e comunicação. Peraltagens, pensares e fazeres das próprias crianças puderam se manifestar por meio de desenhos, fotografias, textos escritos, vídeos e outras formas criativas.





Crise Ecológica, e Mudanças Climáticas: Resistências e Impactos na Agricultura, nas Águas e nos Bens Comuns

Este eixo ressaltou como as comunidades têm enfrentado desafios globais decorrentes do aquecimento do planeta, elevação dos níveis do mar, alterações nos regimes pluviais, extinção de espécies e desequilíbrio ecológico. Tendo em conta que esses impactos afetam desigualmente as populações mais vulneráveis, evidenciando as interconexões entre dimensões climáticas, ecológicas e políticas, os trabalhos apresentados apontaram para abordagens sobre racismo ambiental e injustiça climática, com foco nos territórios de povos tradicionais, quilombolas e indígenas.

Juventudes e Agroecologia

Neste eixo, as discussões e reflexões analisaram e visibilizaram as relações entre as juventudes e a agroecologia, considerando a diversidade e pluralidade desses sujeitos políticos. A centralidade foi a participação e o potencial transformador das juventudes do campo, das cidades, das águas e das florestas na construção de um projeto agroecológico que incorpore lutas raciais, feministas e LGBTQIA+. A nova geração de profissionais formados em agroecologia levantou questões desde a formação universitária até o reconhecimento profissional. O eixo recebeu trabalhos que abordaram temas como: a autonomia das juventudes nas dimensões técnica, econômica, cultural e científica; o engajamento da juventude em lutas e resistências com organizações e movimentos sociais; experiências de mobilização e organização construídas pelas juventudes; e o papel histórico de jovens na construção de um projeto democrático de sociedade.



Manejo de Agroecossistemas

Explorando as iniciativas de pesquisa, experimentação e sistematização de práticas, este eixo objetivou avançar no debate da construção de estratégias social e ecologicamente contextualizadas em diálogo com temas que vão desde bioinsumos até técnicas de monitoramento e avaliação de sistemas produtivos, dentro da perspectiva agroecológica. Foram abordados diversos assuntos, como: sistemas agroflorestais; criação animal; produção orgânica; plantas alimentícias não convencionais e restauração ecológica.

Saúde e Agroecologia

Nas interconexões entre os campos do conhecimento da saúde e da agroecologia, este eixo abordou estudos, pesquisas e relatos que articularam temas como: alimentação, agroecologia e saúde; práticas de cuidado em saúde; medicinas tradicionais e saúde popular; saúde coletiva, ambiental e dos trabalhadores; águas e saneamento; homeopatia nos agroecossistemas; plantas medicinais; impactos e contaminações biológicas e químicas de solos, águas, florestas e ar; agrotóxicos na perspectiva da saúde; vigilância em saúde; agricultura urbana na conexão com a saúde; promoção de territórios saudáveis e sustentáveis; mudanças climáticas e suas implicações para a saúde; educação em saúde; saúde coletiva, agroecologia e políticas públicas; e agroecologia e saúde coletiva na construção de interfaces metodológicas e teóricas.





Políticas Públicas e Agroecologia

Este eixo analisou contribuições, perspectivas, desafios e limitações enfrentados na construção de políticas e ações públicas em prol da agroecologia e da produção orgânica, em distintas realidades e contextos. Os trabalhos contemplaram temas como: a trajetória histórica de formulação e implementação de políticas públicas; análises comparadas de processos de formulação e implementação de políticas públicas; experiências, relatos e análises da participação dos atores sociais na elaboração, implantação, monitoramento e avaliação de políticas de interesse; estudos ou relatos de iniciativas de incidência nos orçamentos públicos e nos sistemas de monitoramento e avaliação de efeitos das políticas públicas; e mecanismos de governança democrática.

Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Este eixo contribuiu com reflexões sobre a organização coletiva e autogestionária na produção, distribuição e consumo solidário de alimentos, destacando a diversidade da agricultura familiar, camponesa e de comunidades tradicionais sob princípios agroecológicos. Os temas abordados incluíram: impactos do sistema agroalimentar hegemônico; sistemas agroalimentares locais, realocização e justiça alimentar; circuitos curtos de comercialização; políticas públicas para economias centradas no bem-viver; redes solidárias de produção e consumo; economia solidária e agroecologia, com ênfase nas relações de gênero e diversidade.



3. Ciência em ação no desenvolvimento das Oficinas de Escrita Científica



Oficina Regional Centro-Oeste. Crédito: Coletivo Antenas e Raízes

O desenvolvimento das oficinas ocorreu de maio a outubro de 2023, e integrou uma rede de produção e compartilhamento de conhecimento, que envolveu universidades, institutos federais, centros de pesquisa, organizações da sociedade civil, estudantes, camponesas/es, povos indígenas e comunidades tradicionais.

Diferentes tipos de metodologias enriqueceram as oficinas nos níveis nacional, regionais, estaduais e territoriais (Figura 1). Uma oficina nacional foi realizada na Fundação Progresso na cidade do Rio de Janeiro (RJ), mesmo local onde o 12º CBA aconteceu. Quatro oficinas foram organizadas nas regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sul. No Sudeste, por ser a região sede do CBA, foram realizadas quatro oficinas. Estas oficinas dispararam o processo para a multiplicação de inúmeras formações estaduais e territoriais.



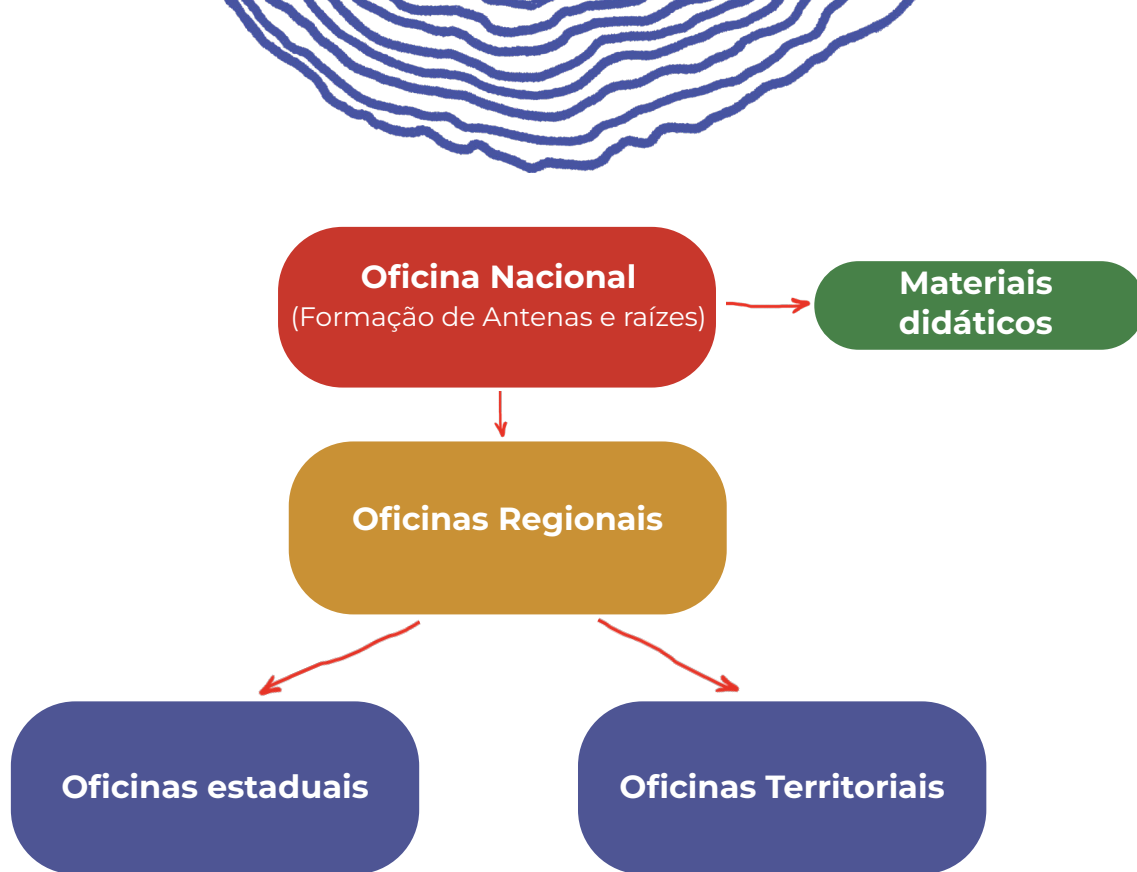


Figura 1. Categorias de oficinas preparatórias para o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado no Rio de Janeiro, em 2023.

A oficina nacional formou equipes para a mobilização e realização das oficinas estaduais e territoriais. Ela se destacou pelo alinhamento entre a equipe, o que incluiu experimentações metodológicas, discussões teóricas aprofundadas e a elaboração dos materiais e cadernos básicos de referência, destinados às oficinas subsequentes. Contou com a participação do coletivo de coordenação nacional, com pelo menos dois representantes de cada região do país e a diretoria da ABA-Agroecologia. Este coletivo seguiu com sua organicidade durante todo o processo de realização das oficinas, sendo denominado como “Antenas e Raízes”, em analogia à potencialidade das antenas captarem informações e das raízes de promoverem o “enraizamento” e conexão a partir da base.

Cada pessoa formada durante a oficina nacional assumiu a responsabilidade de ser multiplicadora, ou seja, conduzir as oficinas subsequentes nos outros estados brasileiros. Nestas, foram elaboradas estratégias de multiplicação contextualizadas em colaboração com as regionais da ABA-Agroecologia, universidades, Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEAs) e movimentos sociais.



As oficinas foram incorporadas nos mais diversos espaços e eventos preparatórios do 12º CBA, como seminários, saraus e mutirões agroflorestais, para que o máximo de pessoas pudesse compartilhar dos momentos coletivos dedicados à escrita de suas pesquisas, experimentos e vivências.

Após essa fase inicial, as demais oficinas foram descentralizadas para as regiões, estados e territórios, sendo conduzidas de maneira autônoma e organizada. Para isso, contou com instrumentos de coordenação coletiva, como a Agenda Nacional de Oficinas e o mapeamento do Agroecologia em Rede, além de reuniões periódicas de alinhamento.

3.1. Trabalho coletivo: Antenas e Raízes



Oficina Nacional de formação de Antenas e Raízes, realizada no Rio de Janeiro. Foto: Brenda Spinosa.

Dar os primeiros passos, sempre tecendo redes, implica em preparar e comunicar sobre o Congresso com as organizações parceiras. Tendo como pressuposto que, em rede, as ações são fortalecidas e potencializadas, tornou-se extremamente importante promover diálogos com a pluralidade de atores envolvidos.





O trabalho coletivo das Antenas e Raízes emergiu como uma governança articulada desses atores, encarregados de todo o processo formativo e do acompanhamento das oficinas. Foi formado um grupo, com representação de pelo menos duas pessoas de cada região do Brasil, que foram indicados pela vice-presidência regional da ABA-Agroecologia, partindo dos grupos de trabalho e parcerias.

Uma grande rede de voluntárias/os construiu as oficinas nas escalas estaduais, regionais e territoriais. Uma tarefa fundamental do grupo foi engajar e mobilizar as pessoas para participar das oficinas, o que requereu abertura para múltiplos diálogos e saberes, coordenação e facilitação da participação ativa.

As pessoas Antenas e Raízes, portanto, agiram como facilitadoras e educadoras e desempenharam um papel crucial na socialização do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades durante as oficinas, tendo como principais atribuições :

- Mobilizar pessoas interessadas na realização e participação nas oficinas, fortalecendo a rede envolvida com o 12º CBA;
- Formar participantes das oficinas, fornecendo informações e habilidades práticas que facilitassem a escrita partindo das especificidades individuais e coletivas;
- Reconhecer os saberes diversos e promover o diálogo com base em diferentes lógicas, sensibilidades e processos criativos;
- Incentivar a sistematização das experiências das oficinas no site do 12º CBA e na Plataforma Agroecologia em Rede (AeR).

Dessa forma, a partir da orientação comum da oficina nacional, da elaboração do caderno guia para as oficinas, os Antenas e Raízes puderam fortalecer e qualificar a escrita dos trabalhos que foram submetidos ao Congresso, nas diversas modalidades disponíveis. Além disso, as oficinas trouxeram o sentimento de que a agroecologia é feita da diversidade, representando um grupo de pessoas plurais e de que a ciência não é feita somente por conhecimento estabilizado: sua vitalidade reside no fazer, no colocar em ação e até mesmo nas divergências suscitadas durante o debate.



3.2. Inspirações das Oficinas

A construção e elaboração das oficinas tiveram como inspirações fundamentais:

1. A compreensão das especificidades das modalidades de trabalhos a serem enviados ao 12º CBA, a partir dos 16 eixos organizadores do Congresso e das diferentes partes que compunham os trabalhos, tais como a introdução, a metodologia, os resultados e o que se espera de cada uma delas;
2. O acúmulo metodológico desenvolvido em parceria com educadoras/es da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Esta metodologia inovadora e participativa incorpora recursos como: desenhos, mapas mentais e elaboração de standartes. Buscou-se explorar a escrita de forma lúdica e versátil e reconhecer que há múltiplas formas de iniciar o processo da escrita. Ao compreender a potência da metodologia, cada sujeito poderia contar suas próprias experiências e pesquisas. Durante as atividades da oficina, reflexões foram conduzidas para aproximar e desmistificar os limites e entraves com a escrita, em especial a científica.
3. O estabelecimento de sinergias com as técnicas de Escrivência, no sentido que propõe Conceição Evaristo. A autora aposta na “escrita de si” como uma possibilidade de subjetivação, que implica em narrar a própria história (ou inventá-la, transformá-la) por meio do exercício livre e autônomo de expressar tanto a própria experiência quanto a própria visão de mundo. Esta técnica tem como plano de base a orientação para debates sobre as práticas antirracistas e de desigualdades de poder. Na concepção da autora, a escrita, e mais precisamente a escrita antirracista, se torna uma forma de denúncia e de anúncio, reconhecendo a indignação como um potencial transformador dos contextos e realidades.





As três inspirações foram fontes de experimentação significativa durante toda a realização das oficinas científicas, compreendendo também as potencialidades e as especificidades de cada público. As oficinas ocorreram sempre sob a coordenação compartilhada com um comitê regional responsável de Antenas e Raízes. Este comitê teve a autonomia para elaborar sua própria programação, adaptando-a conforme o contexto. Ainda, as oficinas puderam ser realizadas de forma presencial ou virtual, o que proporcionou flexibilidade e ajuste às diversas realidades dos grupos participantes. Nas oficinas virtuais, cada coletivo pode optar por utilizar ferramentas que permitiram a maior participação dos integrantes, tais como: *jamboard*, *padlet*, *mentimeter*, roleta no *worldhall*¹. Estas ferramentas possibilitaram a interação e troca entre participantes, seja pela linguagem escrita, por meio de ilustrações ou pela exposição oral.

Em cada oficina, participavam em média 20 pessoas. A programação incluía a partilha das propostas para o Congresso, exercícios de escrita e atividades de integração e mobilização regional. A elaboração autônoma da programação possibilitou a emergência da criatividade e de especificidades em cada oficina. Na oficina estadual de São Paulo, por exemplo, a atividade durou 2 dias. No primeiro, um mutirão agroflorestal foi realizado no Assentamento Bela Vista em Iperó com a participação de 60 pessoas e, no segundo dia, as oficinas de escrita foram realizadas na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) *campus* Sorocaba, a partir do diálogo sobre a vivência do dia anterior.

Em Manaus, as Antenas e Raízes optaram por construir uma programação itinerária, denominada Semana de Mobilização, que passou pelas principais instituições que dialogam com a agroecologia, como: o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), a Universidade do Estado do Amazonas (UEAM), o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

As oficinas foram realizadas durante cinco dias, cada dia em uma

¹ Jamboard, Padlet, Mentimeter e Roleta no Wordwall são ferramentas digitais usadas para colaboração e interação.



das instituições, sendo que no IFAM foi dividida em dois dias. Um grupo menor acompanhou toda a programação, mas a média de participação foi de 20 pessoas. Ao final da semana, o coletivo conseguiu estruturar vários trabalhos que foram submetidos e apresentados no Congresso. A partir das oficinas, formou-se um coletivo de articulação que conseguiu mobilizar 30 pessoas para participar do 12º CBA.



Oficina no IFAM, organização do círculo de cultura pelos alunos. Foto: Thais Souza.

Como exemplo de oficina estadual, um coletivo de pesquisadoras/es, educadoras/es e trabalhadoras/es organizou uma oficina de um dia na Creche da Fiocruz, no Rio de Janeiro, com a participação de 30 mulheres. Durante a oficina, temas cotidianos das educadoras foram identificados para serem submetidos como relato de experiência no CBA. Como oficina nacional, o Grupo de Trabalho Mulheres da ABA-Agroecologia organizou uma oficina virtual na qual metodologias de escrita foram debatidas e apresentadas para mulheres de várias regiões do Brasil.



3.3. Como a PROPOSTA FOI SENDO MOVIMENTADA?

A programação das oficinas foi guiada pelos materiais de consulta e ajustada aos objetivos estabelecidos e ao tempo disponível. Os 16 eixos temáticos do Congresso foram centrais para as discussões, acompanhados de perguntas geradoras, de uma escuta ativa e de uma comunicação consciente para estabelecer conexões significativas.

Os principais materiais de consulta foram a Caderneta das Oficinas de Escrita e o Guia para Oficinas.



Estes materiais foram produzidos pelo coletivo de Antenas e Raízes para auxiliar na realização das atividades. Proporcionou a quem não pôde participar a oportunidade de se apropriar do conteúdo, incentivando a criação de outras oficinas nos estados e territórios.

Previamente às oficinas, as Antenas e Raízes definiam o público preferencial, como estudantes de Agroecologia ou agentes de mobilização estadual. A partir disso, elaboravam uma programação contextualizada ao público. Durante as oficinas, procurava-se identificar as intenções das/os participantes em relação à escrita do trabalho a ser submetido.



Outros materiais pedagógicos foram disponibilizados e serviram como inspiração, guias e exemplos práticos para a construção da programação das oficinas, como:

1. Sistematização do IV Encontro Nacional de Agroecologia: Sentir. Pensar e Agir - O processo preparatório.



Esta publicação apresenta reflexões, estratégias, dinâmicas e ações de organização do IV ENA, em Belo Horizonte, em 2018. Ela contém também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.

2. O Fazer Coletivo da Agroecologia: metodologias, processos colaborativos e diálogo com a sociedade.



Nesta publicação os aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA são compartilhados, com apontamentos de princípios e com a sistematização em fichas-resumo de algumas das atividades realizadas durante o Encontro.

3. Caderno de Metodologias: Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico:



O Caderno reúne 28 fichas metodológicas organizadas a partir da prática da equipe de Sistematização das Experiências dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs). A equipe realizou oficinas de sistematização coletivas ancoradas por 17 Núcleos de Agroecologia das cinco regiões do país. A partir do processo de sistematização, a equipe experimentou e ressignificou possibilidades de diálogo, interação e construção coletiva do conhecimento.

4. Cartilha Chão Comum: produzida e divulgada como parte do processo preparatório do 12º CBA. Ela ofereceu dicas metodológicas e serviu como inspiração para os coletivos e grupos na condução das oficinas e outros eventos.





Para garantir a sistematização e a memória das oficinas, algumas estratégias foram pactuadas. Todas as oficinas a serem organizadas foram incluídas na Agenda Nacional, que permitia a identificação da data, do horário e do local. Os relatos sobre cada uma das oficinas foram compartilhados nas redes sociais da ABA-Agroecologia para não somente mostrar o que estava sendo feito como também animar outras pessoas a se incorporarem ao processo preparatório. Na plataforma Agroecologia em Rede (AeR) um mapa² foi organizado com as oficinas e com outras atividades de mobilização para o Congresso.





4. Oficinas de Escrita Científica e os Tapiris de Saberes

Na simbiose entre ciência e política, as edições do CBA têm resultado em um mosaico de experiências no campo agroecológico, com múltiplos significados para a ciência da agroecologia, que permitem tecer novas narrativas sobre a compreensão do mundo e de conceber soluções coletivas para os desafios enfrentados. Ao todo, foram realizadas 40 Oficinas de Escrita Científica em todas as regiões do Brasil. **Na Região Norte, foram realizadas nove oficinas; na região Sul, duas oficinas; na Região Nordeste, quatro oficinas; na região Centro-Oeste, três oficinas; e na Região Sudeste, vinte e duas oficinas. Houve, ao menos, uma oficina presencial em cada região.**

Quase 100% dos trabalhos e dos vídeos aceitos foram apresentados. Cerca de 2.500 trabalhos foram aprovados e apresentados, muitos deles desenvolvidos durante as oficinas. Os textos, distribuídos nas três modalidades distintas, foram avaliados por especialistas, seguindo critérios rigorosos e pedagógicos.

Grande parte dos congressos científicos segue a lógica de aceitação ou recusa de trabalhos submetidos. No entanto, o 12º CBA subverteu essa abordagem, introduzindo uma avaliação prévia ao envio dos trabalhos. Em um processo solidário, as oficinas incentivaram a revisão por outras/os autoras/es previamente à submissão.

Além disso, como já é comum em vários CBAs, as pessoas avaliadoras, distribuídas por Eixo Temático, adotaram um processo pedagógico. Em vez de simplesmente aceitar ou rejeitar os trabalhos, devolvem os textos para que os autores possam fazer as correções e ajustes sugeridos. Os textos são, então, submetidos novamente para reavaliação e obtenção do parecer final. Essa prática é especialmente educativa para quem está submetendo um trabalho a um congresso pela primeira vez. A dupla avaliação é de suma importância para os Relatos de Experiências Técnicas e Populares, já que a submissão de trabalhos para eventos científicos pode não ser uma prática comum.



Os vídeos foram analisados em separado e as avaliadoras e avaliadores procuraram valorizar as narrativas protagonizadas por agricultoras/es, povos indígenas e comunidades tradicionais, bem como buscar uma conexão eficaz com os Eixos Temáticos.

Os critérios de avaliação dos trabalhos foram: a qualidade e relevância da contribuição para a Agroecologia e para o Eixo Temático escolhido; o diálogo explícito estabelecido com a Agroecologia e o tema selecionado; a qualidade do texto (gramática, ortografia e digitação); e as opiniões e conceitos expressos nos trabalhos.



Apresentação de trabalhos dos Tapiris de Saberes/Crédito: Marcelo Almeida

É importante ressaltar que, desde o IX CBA, realizado em 2015, em Belém, os trabalhos são apresentados nos Tapiris de Saberes. Nos Tapiris, as experiências são apresentadas e diálogos horizontais são promovidos, procurando identificar pontos de convergências de diversas trajetórias. Em um mesmo Tapiri pode, por exemplo, haver pesquisadoras/es doutoras/es, professoras/es, estudantes recém-ingressas/os nas universidades, agricultoras/es, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, crianças, que apresentam e ouvem atentamente as demais apresentações.



Nesse sentido, as oficinas de escrita qualificaram pedagogicamente os Tapiris e contribuíram para o exercício de uma ciência colaborativa, construída na combinação de diferentes saberes e a partir de diferentes processos de produção do conhecimento. As oficinas impactaram também as instituições de ensino, pesquisa e extensão, assim como a vida cotidiana daqueles que cultivam e vivem a agroecologia.



Apresentação de trabalhos nos Tapiris de Saberes. Crédito: Marcelo Almeida



5. APRENDIZADOS E PERSPECTIVAS

A compreensão da ciência como um instrumento político de construção da cidadania e garantia de direitos transforma os espaços de encontro do CBA em uma frondosa agrofloresta, onde diferentes conhecimentos se encontram. A lógica da ciência agroecológica reconhece que o conhecimento é produzido de forma coletiva e processual.

Objetivando partilhas afetivas e um constante bate-papo entre pessoas sobre práticas e realidades distintas, os diálogos do CBA se apresentam como uma dança suave que está sempre se renovando, pedindo por novas formas de pensar, agir e colaborar, pois se acredita que, mais do que nunca, é essencial uma abordagem científica que celebre a diversidade, ao mesmo tempo que se oriente por construir um espaço comum no qual a solidariedade, o respeito, a esperança e a confiança possam florescer.



Conferência de encerramento do 12º CBA. Crédito: Juliana Chalita



No cerne dos diálogos, o projeto das Oficinas de Escrita Científica assumiu a missão fundamental de inspirar a documentação de centenas de práticas ocorridas nos territórios do Brasil afora, para evidenciar a riqueza e a diversidade no campo agroecológico.

Esta iniciativa integrou os preparativos para o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) e se alinhou à tarefa de construir uma ciência cada vez mais acessível. Para concretizar esse propósito, uma série de encontros, tanto virtual quanto presenciais, foram promovidos. Encontros que não apenas compartilharam conhecimento sobre a importância da escrita científica, mas também promoveram a prática colaborativa e coletiva, contrapondo-se ao discurso hegemônico que, por vezes, afasta as pessoas da academia.

Para promover aprendizados adquiridos ao longo dos horizontes e novos caminhos a percorrer, é preciso correr riscos, principalmente quando se assume os posicionamentos da prática política e pedagógica da agroecologia, pois “ser” é desafiador. Entretanto, é exatamente por essa razão que a ciência da agroecologia se faz: pela sua capacidade de contar histórias insurgentes, que têm nos riscos não o medo dos possíveis erros, mas a possibilidade de reverter cursos. Portanto, na tecitura dessa caminhada, pulsa o princípio de que não há saída que não seja a coletiva e nas raízes que sustentam essas ideias há de se afirmar cotidianamente que a “Agroecologia está na boca do povo”.



Agroecologia na Boca do Povo, 12º CBA. Crédito: Isis Medeiros



As oficinas buscaram apoiar estudantes, agricultoras/es do campo e da cidade, quilombolas e indígenas e todas as pessoas interessadas na preparação dos trabalhos a serem enviados para o Congresso. Para tanto, abordagens mais lúdicas foram utilizadas, a exemplo da escrita criativa. Nesse sentido, as especificidades pedagógicas das oficinas não partiram do princípio de que as/os participantes dominam a escrita científica, mas do entendimento de que a escrita é uma habilidade prática e que o processo pode ser enriquecido pela colaboração coletiva. Sendo assim, o objetivo principal foi organizar e inspirar esse processo de aprendizado e a escrita científica.

Conduzidas por pessoas experientes e que dominam a linguagem científica, as/os participantes puderam ser acolhidos em suas dificuldades e obter uma compreensão qualificada das diferentes seções que organizam um texto acadêmico. O que é especialmente importante, tendo em vista que o público do CBA é formado por muitos estudantes de graduação de universidades públicas, inclusive, recém ingressos.

Um outro elemento importante refere-se à base epistêmica da ciência da agroecologia. Embora se tratasse de um processo preparatório para um evento científico e acadêmico, as oficinas não se voltaram de forma exclusiva a estudantes das universidades e institutos federais, mas buscaram envolver também o movimento agroecológico de forma mais ampliada nos territórios, acolhendo diferentes linguagens que compõem os trabalhos apresentados. Esse movimento vem ocorrendo desde o CBA de Belém (2015), tendo sido fortalecido no encontro de Brasília (2017) com o acolhimento das experiências populares e em Sergipe (2019) com a apresentação mista de experiências e pesquisas acadêmicas no mesmo Tapiri das experiências populares.

A experiência do 12º CBA demonstra que as oficinas são essenciais para promover uma Ciência integrada, unindo conhecimentos do território ao espaço acadêmico. Um dos impactos mais significativos foi a revitalização dos Núcleos de Agroecologia (NEAs), que promovem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas Universidades e Institutos Federais.



Devido ao contexto antidemocrático recente e à desestruturação de políticas públicas, muitos NEAs enfrentaram fragilidades. As oficinas proporcionaram a oportunidade de reestabelecer contatos e revitalizá-los de tal maneira que muitos assumiram a responsabilidade pela realização das próprias oficinas.



Palestra apresentando os resultados do projeto durante o 3º ENNEAs. Crédito: Brenda Spinosa.

O 3º Encontro Nacional dos NEAs, realizado como atividade pré-CBA entre os dias 16 a 18 de novembro de 2023, proporcionou um fórum para debater os resultados preliminares das oficinas de escrita. Ao longo da discussão, foram ressaltados os números de oficinas e a força delas para mobilizar os territórios. Todas as pessoas presentes reconheceram a importância da formação promovida pelo projeto e afirmaram a necessidade de transformar estas formações em processos contínuos. Um dos relatos reforçou que as oficinas contribuíram para a formação de estudantes que prestaram vestibular no mesmo ano. Mesmo que as contribuições das formações sejam, aparentemente, pontuais, ações continuadas podem impactar de forma positiva e forte a constituição da ciência da agroecologia que a ABA-Agroecologia constrói e, por isso, a Associação continuará orientando a escrita dos trabalhos em ações preparatórias para os próximos CBAs.



Realização:



Parceiros:



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA



AS·PTA
agricultura familiar e agroecologia



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Apoio:



HEINRICH BÖLL STIFTUNG
RIO DE JANEIRO
Brasil